

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA REALIZAÇÃO DE GRUPOS OPERATIVOS EM UMA ESCOLA

ADOLESCENCE AND SEXUALITY: EXPERIENCE REPORT OF THE IMPLEMENTATION OF OPERATIONAL GROUPS IN A SCHOOL

Submissão:
13/05/2025
Aceite:
05/11/2025

Julia Lobo Michel ¹  <https://orcid.org/0009-0000-6219-9260>

Ana Clara Andrade Faria Vaz ²  <https://orcid.org/0009-0003-1573-105X>

Filipe Gabriel Cardoso Ferreira ³  <https://orcid.org/0009-0006-6173-6232>

Debora Aparecida Silva Souza ⁴  <https://orcid.org/0000-0002-8937-584X>

Camila Souza de Almeida ⁵  <https://orcid.org/0000-0002-7032-0945>

Resumo

O objetivo é descrever a realização de grupos operativos sobre sexualidade com adolescentes de uma escola pública estadual. Metodologia: Realização de grupos operativos para trabalhar sobre sexualidade com adolescentes do sexo feminino do 8º e 9º anos do ensino fundamental de uma escola pública estadual do município de Divinópolis, Minas Gerais. Os grupos ocorreram na própria escola, quinzenalmente, entre agosto e dezembro de 2024, com duração de 40 minutos. Resultados: Foram realizados sete encontros, com média de 10 participantes. Os temas abordados foram: violência contra a mulher, gestação, métodos contraceptivos, aborto, machismo e infecções sexualmente transmissíveis. Os encontros com maior interação foram os mais dinâmicos e lúdicos. Conclusão: A utilização de técnicas mais dinâmicas e lúdicas foram mais efetivas para a discussão da temática. Os temas escolhidos pelas adolescentes foram relacionados a aspectos subjetivos da sexualidade, como violência, preconceitos e tabus enfrentados pelas mulheres ao se vivenciar a sexualidade.

Palavras-chaves: Saúde do adolescente; Educação sexual; Escola; Promoção da saúde.

¹ Discente do curso de Enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG julia.1656989@discente.uemg.br

² Discente do curso de Enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG ana.1656925@discente.uemg.br

³ Discente do curso de Enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG filipe.1659657@discente.uemg.br

⁴ Docente do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG debora.silva@uemg.br

⁵ Docente do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG camila.almeida@uemg.br

Abstract

Objective: to describe the implementation of operational groups on sexuality with adolescents from a state public school. **Methodology:** Implementation of operational groups to work on sexuality with female adolescents in the 8th and 9th grades of elementary school at a state public school in the city of Divinópolis, Minas Gerais. The groups met at the school, every two weeks, between August and December 2024, with an average duration of 40 minutes. **Results:** Seven meetings were held, with an average of 10 participants. The topics covered were violence against women, pregnancy, contraceptive methods, abortion, machismo and sexually transmitted infections. The most dynamic and playful meetings resulted in greater interaction. **Conclusion:** The use of more dynamic and playful techniques was more effective to discuss the topic. The topics chosen by the adolescents were related to subjective aspects of sexuality, such as violence, prejudices and taboos that women face when experiencing sexuality.

Keywords: Adolescent health; Sex education; School; Health Promotion.

Introdução

A adolescência pode ser compreendida como uma fase de transição da infância para a vida adulta. As mudanças biológicas inerentes à puberdade impulsionam o desenvolvimento biopsicossocial (Tetéo; Hoffman; Bezerra, 2023). Quanto à faixa etária, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990, define adolescente como a pessoa entre 12 e 18 anos de idade. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera adolescente todo indivíduo com idade entre 10 e 19 anos (Brasil, 1990; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021).

Independentemente da classificação etária estabelecida em lei, compreende-se que o processo de adolecer dependerá não apenas da maturação biológica e psicológica, mas também de aspectos socioculturais e econômicos. Assim, a vivência da adolescência será influenciada pelo grupo social e pelo território de inserção do indivíduo (Tetéo; Hoffman; Bezerra, 2023).

Entre as diversas mudanças e desafios vivenciados pelos adolescentes, destacam-se as questões relacionadas à sexualidade. Neste trabalho, a sexualidade é entendida como inerente ao ser humano, mas influenciada por fatores históricos, culturais e econômicos do meio social e da época em que é experienciada (Araújo *et al.*, 2023).

Nesse contexto, a temática da sexualidade está presente em todos os ambientes frequentados pelo adolescente, como a residência, os serviços de saúde e a escola. A escola, em especial, constitui-se em espaço fundamental para discussões sobre o tema. As formas de vivenciar e compreender a sexualidade podem ser modificadas por meio da educação sexual. Estudos demonstram que, quando o assunto é abordado de maneira estruturada e sistematizada no ambiente escolar, ocorre redução de comportamentos de risco, como a prática sexual desprotegida, as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e a gravidez na adolescência (Silva; Menezes, 2021).

A abordagem da sexualidade nas escolas é de extrema relevância, especialmente diante das falhas históricas no enfrentamento do tema no país. Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelam que, em 2022, 41 mil crianças foram vítimas de estupro (0 a 13 anos), sendo a maioria meninas de 10 a 13 anos que conviviam com o agressor. O mesmo relatório destaca que 2022 foi o ano mais violento para crianças e adolescentes em toda a série histórica (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023).

Além disso, dados da Organização Mundial da Saúde apontam que, em 2018, o Brasil apresentou índices de gravidez na adolescência acima da média da América Latina, a qual, por sua vez, já supera a média mundial. Segundo o Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para a Saúde, em 2020 foram registrados 380 mil partos de mães com até 19 anos, correspondendo a 14% de todos os nascimentos no país (Fundação Oswaldo Cruz, 2020).

A educação sexual deve ser implementada não apenas nas escolas, mas também em outras instituições, de forma a abranger diferentes contextos sociais. Apenas a existência de políticas públicas sobre o tema não garante a efetiva inclusão de todos os grupos sociais. Daí a importância de que escolas e unidades de saúde compreendam as especificidades de sua área de abrangência e implementem ações que dialoguem com o público-alvo (Pinto, 2024).

Nesse cenário, os professores desempenham papel central, pois acompanham os alunos em seu cotidiano escolar. Entretanto, devido a diferentes barreiras, muitos acabam por reproduzir padrões socialmente aceitos. Em disciplinas como Biologia, por exemplo, a sexualidade é frequentemente abordada apenas sob o viés biológico e informativo, sem avançar na desconstrução de tabus e preconceitos (Souza; Franco; Neri, 2022).

Revisões de literatura apontam que muitos docentes não se sentem capacitados para tratar do tema em sala de aula, apresentando dificuldades em identificar situações relacionadas à sexualidade no cotidiano escolar e em dialogar com as famílias dos estudantes. Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de educação permanente para professores, bem como a inclusão da temática nos currículos de graduação (Souza; Franco; Neri, 2022).

Assim, a escola pode se configurar tanto como espaço de reprodução de verdades cristalizadas quanto de mudanças paradigmáticas, a depender da forma como os temas considerados tabus são abordados por gestores e professores (Morais *et al.*, 2018). Pesquisas realizadas em ambiente escolar demonstram que a abordagem sistemática da sexualidade contribui não apenas para minimizar problemas de saúde, mas também para promover a autonomia dos adolescentes, favorecendo a vivência mais satisfatória da sexualidade, o exercício da saúde sexual e o processo emancipatório (Antoniassi; Miranda, 2020).

Diante do exposto, o presente relato de experiência tem como objetivo descrever a realização de grupos operativos sobre sexualidade, conduzidos por discentes do curso de Enfermagem com adolescentes dos oitavo e nono anos do ensino fundamental de uma escola pública estadual, no município de Divinópolis, Minas Gerais.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, com a utilização de metodologias colaborativas não extrativistas. O artigo deriva do projeto de extensão “Grupos sobre sexualidade e saúde reprodutiva com adolescentes escolares”, financiado pelo Progra-

ma Institucional de Apoio à Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAEx/UEMG), realizado com adolescentes de 12 a 15 anos de idade, matriculados no 8º e 9º anos do ensino fundamental.

O referencial metodológico adotado para a abordagem da temática foi o dos grupos operativos, proposto pelo psiquiatra suíço-argentino Pichon-Rivière, que concebia o grupo como um aglomerado restrito de pessoas, vinculadas por tempo e espaço, e organizadas em torno de uma tarefa – explícita ou implícita – que constitui sua finalidade. Nessa perspectiva, os indivíduos estabelecem uma estrutura dinâmica que leva ao vínculo, a qual possibilita a reflexão sobre costumes e a busca por mudanças de concepções e comportamentos, aspecto fundamental para alcançar os objetivos do trabalho (Pichon-Rivière, 1998).

Na realização de grupos operativos, diferentes técnicas podem ser aplicadas, desde dinâmicas até recursos teatrais (Martins, 2003). Considerando o público adolescente, optou-se pelo uso do lúdico, por favorecer a expressão dos jovens e ampliar a possibilidade de transformar pensamentos e reflexões em atitudes concretas (Lopes, 2014).

O projeto foi desenvolvido em uma escola estadual localizada em um município de porte médio do centro-oeste de Minas Gerais, com cerca de 231 mil habitantes, predominantemente urbano e com Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,764. O IDHM da educação é de 0,757, com 94,04% dos adolescentes de 11 a 13 anos matriculados nos anos finais do ensino fundamental ou já com esse nível de ensino concluído. A escola situa-se em um bairro periférico e atende estudantes provenientes de diferentes regiões da cidade, com distintos padrões sociais. Essa diversidade mostrou-se relevante, pois evidenciou que adolescentes de diferentes contextos socioeconômicos e culturais apresentam dúvidas e sentimentos semelhantes em relação à temática da sexualidade.

Antes do início das atividades, realizou-se uma reunião com a diretora da escola, na qual foi apresentada a proposta do projeto. Após a autorização, foram definidos os dias, horários e regras para os encontros, de modo a não comprometer a rotina escolar. A participação dos estudantes foi condicionada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos responsáveis e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos próprios alunos.

Com o intuito de otimizar as discussões, as turmas do 8º e 9º anos foram divididas em dois grupos: um composto apenas por meninas e outro por meninos. O presente relato aborda as atividades desenvolvidas com o grupo feminino. A média de participantes por encontro foi de 10 adolescentes, com idade média de 14 anos. Ao todo, foram realizados sete encontros, entre agosto e dezembro de 2024.

Os grupos ocorreram quinzenalmente, na própria escola, em sala reservada para essa finalidade, com duração média de 50 minutos.

O projeto foi coordenado por uma docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Divinópolis, graduada em Enfermagem e atuante nas áreas de saúde mental e saúde do adolescente. A condução dos grupos ficou a cargo de quatro discentes: três do 4º período e um do 2º período do curso de Enfermagem.

Conforme mencionado, foram realizadas sete oficinas, entre agosto e dezembro de 2024, abordando, de forma geral, os seguintes temas: gênero, valorização da mulher, gravidez e suas consequências, violência e autoestima.

A utilização dos grupos operativos possibilitou a valorização dos saberes das participantes,

favorecendo a construção colaborativa dos debates sobre sexualidade. Os temas foram definidos coletivamente em cada encontro e, ao final do projeto, o grupo elaborou um flyer informativo intitulado “Bullying”, que foi distribuído para a comunidade escolar.

O projeto de extensão encontra-se em sua terceira edição e, quando submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, foi considerado um subprojeto vinculado a uma pesquisa sobre sexualidade, realizada pelo mesmo docente em escolas públicas do município. Esse projeto de pesquisa, intitulado “Olhares dos adolescentes sobre as temáticas sexualidade e gênero”, foi aprovado pelo referido Comitê de Ética (CAAE: 14278919.0.0000.5115).

Relato de experiência

Os grupos operativos realizados com as adolescentes do sexo feminino ocorreram em espaço aberto da escola, próximo às quadras de esporte, quinzenalmente, com duração média de 40 minutos. A cada encontro, participaram em média 10 adolescentes. Os temas trabalhados foram: gênero e sexualidade, valorização feminina, machismo e preconceito, gravidez, autoconhecimento, aborto e violência, sendo o sétimo encontro destinado ao encerramento do projeto.

Todos os encontros foram estruturados em, pelo menos, três momentos: inicialmente, o *quebra-gelo*, atividade lúdica voltada para captar a atenção do grupo; em seguida, a atividade central proposta para o encontro; e, por fim, a discussão coletiva com definição do próximo tema a ser abordado.

No primeiro encontro, além da apresentação do projeto às adolescentes, trabalhou-se a temática “medo do desconhecido”, por meio da dinâmica *Medo de Desafios*. Para isso, utilizou-se uma caixa contendo chocolates, que era passada de mão em mão ao som de uma música escolhida pelas próprias participantes. Ao interromper a música, a adolescente que estivesse com a caixa deveria optar por abri-la ou não, gerando uma discussão sobre os receios diante de novas situações cotidianas. O grupo concluiu que o desconhecido pode representar também aspectos positivos. Nesse encontro, foram estabelecidas as regras de convivência e discutido o compromisso das participantes com a realização das atividades.

No segundo encontro, o tema proposto foi “valorização feminina”, com o objetivo de refletir sobre a percepção do valor da mulher na sociedade. O *quebra-gelo* consistiu na escuta e reflexão de duas músicas: *Dona de Mim* (Iza) e *Menina se Prepara* (MC Pepeu). Em seguida, o grupo foi dividido em dois subgrupos, que realizaram atividades de colagem relacionadas à valorização e/ou desvalorização feminina, com o intuito de estimular reflexões e diálogos sobre autoestima e autoconhecimento. Após a atividade, discutiu-se como a mulher é vista socialmente e como os julgamentos estão presentes em seu cotidiano, seja por meio de falas machistas, críticas relacionadas às vestimentas ou preconceitos estruturais. As participantes compararam, ainda, situações vivenciadas por homens e mulheres, destacando que atitudes semelhantes são frequentemente enaltecidas nos homens, mas desvalorizadas nas mulheres. Ao final, concluíram que a valorização da mulher vai muito além de seus comportamentos e que estes não devem ser utilizados como fator definidor de seu valor.

Figura 1A-B: Atividade do 2º grupo operativo – “Valorização feminina”



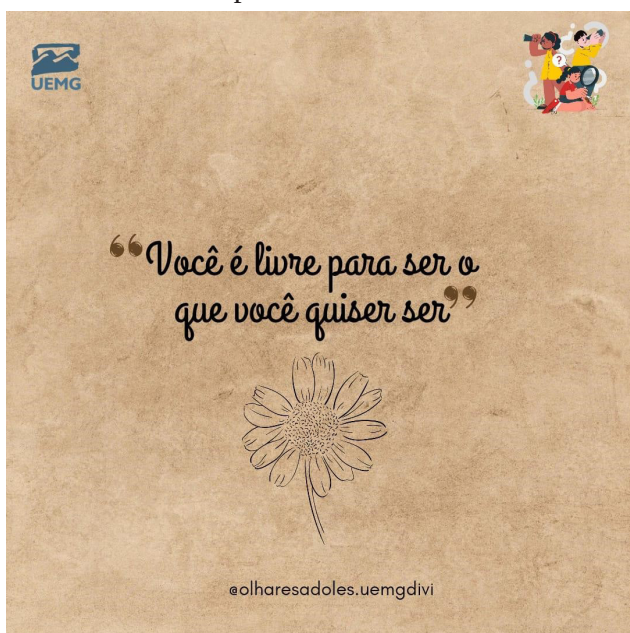
Fonte: Autores, 2024

No terceiro encontro, o tema foi “machismo x preconceito”, trabalhado por meio de simulações. As adolescentes foram divididas em duplas ou trios e retiravam uma carta que continha uma situação relacionada a preconceito ou machismo, a qual deveria ser encenada pelo grupo.

Durante a discussão, as participantes levantaram questões sobre as diferenças existentes entre homens e mulheres, especialmente os motivos pelos quais elas são julgadas ao tomarem as mesmas atitudes que os rapazes. Foram relatadas situações cotidianas, como, por exemplo, o fato de o irmão mais novo poder sair sozinho com os amigos por ser homem, enquanto a menina só poder sair acompanhada dos pais por ser mulher. Também foram destacadas situações de agressões físicas e verbais, nas quais muitos homens acreditam estar corretos e consideram que as mulheres devem ser submissas.

Ao final da discussão, foi realizada uma dinâmica em que cada aluna escrevia uma palavra ou frase de carinho e afeto para outra colega, como forma de incentivo à união e ao apoio entre mulheres.

Figura 2A-B: A esquerda, frases entregues pelos pesquisadores para as adolescentes; à direita, cartas elaboradas para a dinâmica.



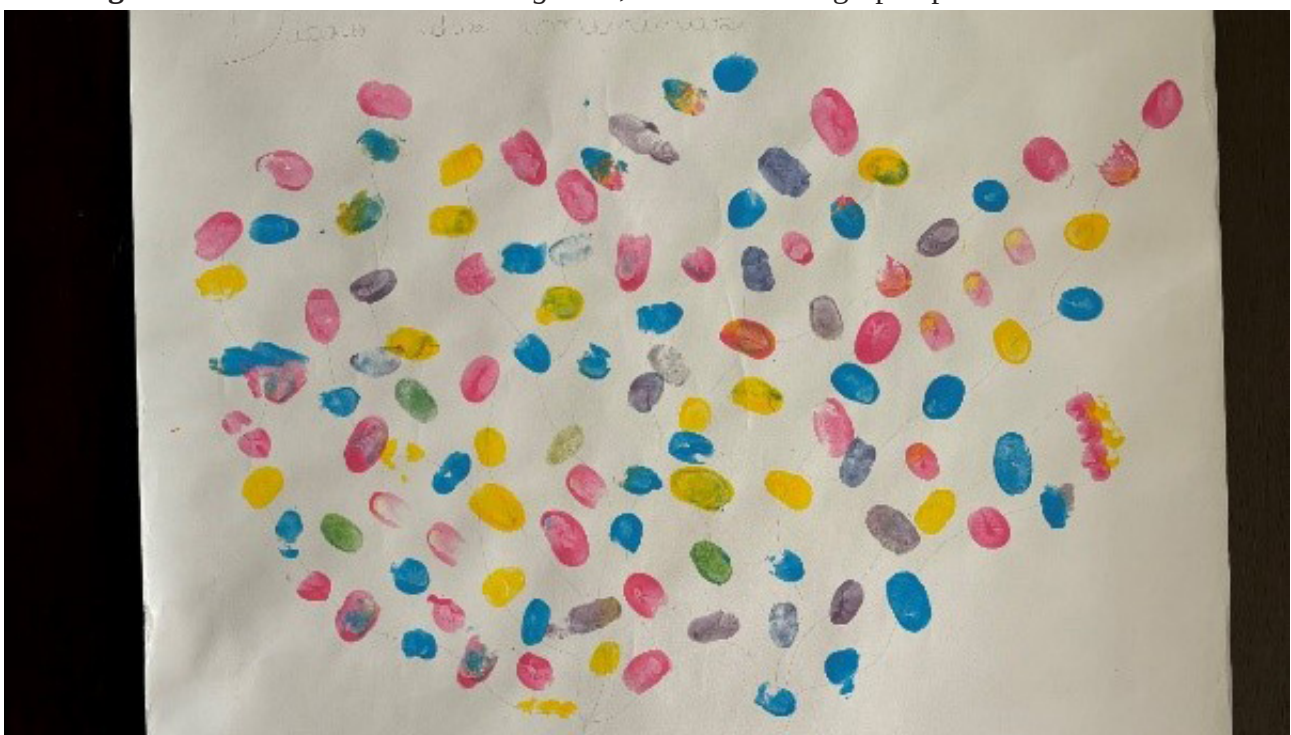
Fonte: Autores, 2024

No quarto encontro, o tema proposto pelas participantes do projeto foi “gravidez”. Para tornar o ambiente mais lúdico e interativo, as discentes promoveram um quiz no formato de “*torta na cara*”. A dinâmica consistia em preparar pequenas tortas de chantili em formas descartáveis; a cada resposta correta, a participante tinha a oportunidade de aplicar a torta no rosto da adversária. O jogo continha 12 perguntas. As adolescentes foram divididas em dois grupos, e aquela que apertasse primeiro a campainha tinha o direito de responder; em caso de erro, recebia a torta no rosto. As perguntas estavam relacionadas à gravidez, à sua prevenção e aos métodos contraceptivos. As participantes demonstraram um nível de acerto mediano, revelando conhecimento superficial sobre o tema; ainda assim, conseguiram responder, alcançando cerca de 90% de acertos. As principais dúvidas estiveram relacionadas aos métodos contraceptivos e ao uso correto dos preservativos.

Após a dinâmica, foram apresentados os preservativos feminino e masculino, com orientações sobre a prática do sexo seguro. As adolescentes relataram já conhecer os preservativos, mas sem domínio quanto ao uso adequado. Foram exibidos vídeos educativos sobre a forma correta de posicionamento de ambos e, em seguida, as participantes puderam colocar em prática os conhecimentos adquiridos, utilizando peças anatômicas.

No quinto encontro, o tema trabalhado foi “conhecendo seu íntimo”, com o intuito de estimular a percepção do corpo feminino. Como atividade de integração, foram utilizadas tintas e cartolinas para a criação de uma “*árvore de digitais*”, com o objetivo de fortalecer a conexão entre as participantes. O momento foi descontraído, marcado por interação e brincadeiras, como passar tinta umas nas outras. Nesse contexto, as adolescentes sentiram-se à vontade para compartilhar experiências cotidianas, relatando situações de namoros abusivos, pressão social e familiar, cobranças para “ser alguém na vida” e o medo de não corresponder às expectativas familiares. O encontro transcorreu de forma leve, valorizando o compartilhamento de experiências individuais e coletivas. Ao final, concluiu-se que o respeito é fundamental para uma relação saudável e empática.

Figura 3 – Atividade “*Árvore de digitais*”, realizada no 5º grupo operativo.



Fonte: Autores, 2024

No sexto encontro, o tema escolhido pelas participantes foi “aborto e violência”. Para o desenvolvimento da roda de conversa, foram apresentados três casos fictícios, sem desfecho predeterminado, a fim de estimular a reflexão sobre como essas temáticas impactam cotidianamente a vida das mulheres.

Após a leitura, as adolescentes discutiram possíveis finais para cada caso e chegaram, em grupo, às conclusões que consideraram mais pertinentes. Durante o debate, algumas participantes compartilharam experiências familiares, o que gerou ainda mais comoção e aprofundou o diálogo. Em determinado momento, uma aluna relatou que sua mãe havia tentado interromper a gestação dela e da irmã, por não aceitar a gravidez. Outra participante contou que uma tia sofre violência física e verbal do parceiro, mas, por medo, não realiza denúncias nem busca ajuda.

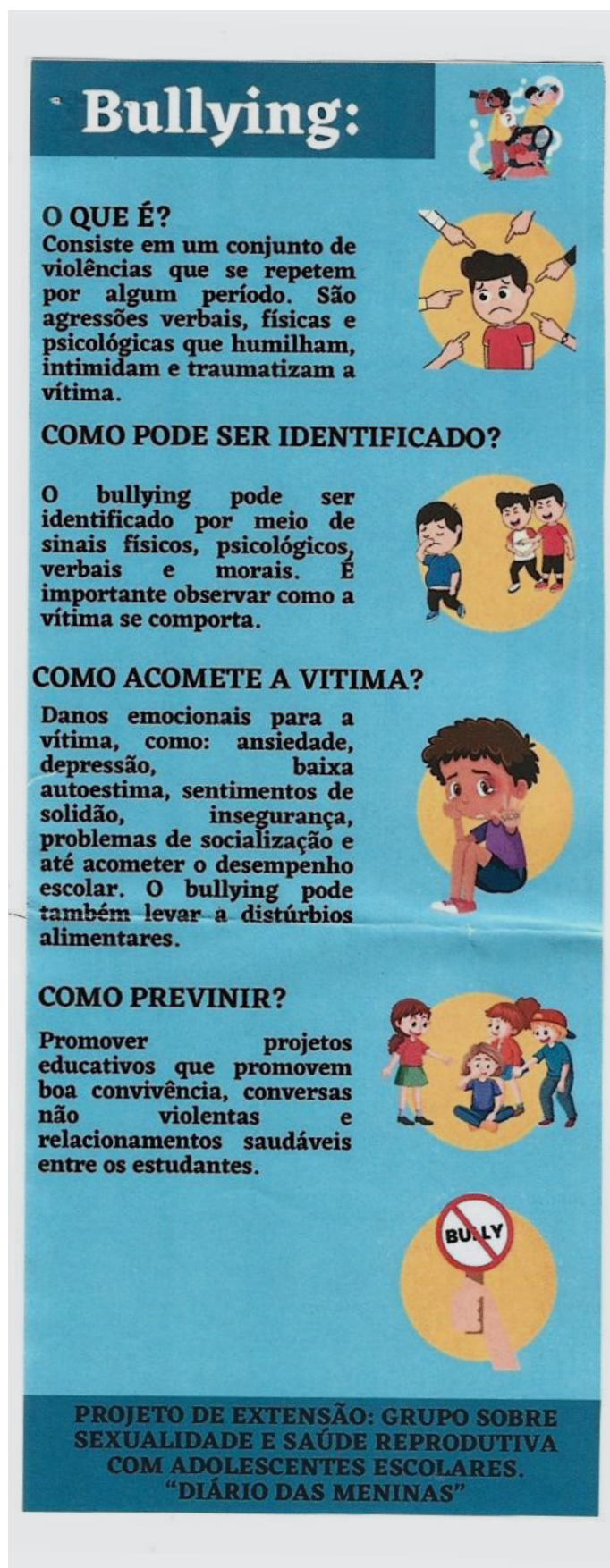
Figura 4: Cartilha distribuída no 6º grupo operativo - Aborto e violências



Fonte: Autores, 2024

Ao final do sexto encontro, foi definido que, no último grupo, seria produzido um material resultante das discussões dos encontros anteriores. As participantes optaram por abordar o tema “Bullying”, incluindo informações sobre o que é o bullying, como identificá-lo, seus impactos sobre a vítima, formas de prevenção e o papel da escola diante dessas situações. Dessa forma, no sétimo e último encontro, foi confeccionado um folder, que posteriormente foi apresentado ao grupo de garotos, também participantes do projeto de extensão.

Figura 5: Produto final dos grupos operativos – “Sétimo encontro”



Fonte: Autores, 2024

Discussão

Os grupos operativos demonstraram que a discussão de temas como sexualidade deve ser realizada por meio de técnicas lúdicas, pois os encontros que apresentaram maior interação entre as adolescentes foram aqueles mais dinâmicos e que incentivaram a participação ativa, como a dinâmica “torta na cara”. Isso evidencia que as ações de educação sexual devem ir além das aulas de biologia ou de palestras meramente informativas. Mesmo na presença de políticas públicas sobre o tema, é necessário adaptá-las ao contexto sociocultural dos jovens envolvidos. A educação sexual deve constituir um processo estruturado e organizado, que vá além da simples transmissão de conhecimento, permitindo que o jovem adquira habilidades para a vida (Pinto, 2024; Monroy; Silva, 2022).

Ainda que a escola ou outros espaços frequentados pelos adolescentes se neguem a dialogar sobre sexualidade, esta está implícita em todas as vivências do jovem, permeando suas relações e experiências cotidianas. Nesse sentido, a escola, as Estratégias de Saúde da Família (ESF’s) e a família devem reconhecer que os adolescentes possuem direitos sexuais e reprodutivos, e que têm o direito de serem protagonistas de suas próprias vidas, com autonomia e liberdade sobre seus corpos e vivências sexuais (Silva; Menezes, 2021). Nesses espaços, deve-se empregar os conceitos de promoção da saúde, permitindo que o indivíduo participe ativamente de seu processo de vida, opinando, dialogando e construindo conhecimento por meio da educação em saúde, o que favorece decisões assertivas e saudáveis (Pereira *et al.*, 2022).

O projeto demonstrou que os jovens, apesar de terem acesso à internet e contarem oficialmente, em seus currículos esco-

lares, com a temática sobre sexualidade, ainda assim possuem dúvidas básicas sobre contraceptivos e gravidez na adolescência. Além disso, pouco se discute em sala de aula sobre os aspectos subjetivos da sexualidade, não se dando voz aos jovens sobre questões relacionados aos seus sentimentos e temores.

Este achado dialoga com o estudo realizado em Cuenca, Equador, que apresentou resultados semelhantes, evidenciando que os estudantes percebem a abordagem escolar da sexualidade como excessivamente biológica, focada em taxas e riscos de infecção ou gravidez, sem espaço para discutir aspectos subjetivos ou expor dúvidas e anseios (Nunez *et al.*, 2024).

Outro estudo ressalta a importância de uma educação sexual menos formal, baseada em ações educativas que utilizem métodos dialógicos e críticos, abordando a subjetividade (Monroy; Silva, 2022). O presente trabalho corrobora tal conclusão, ao observar que os encontros que utilizaram métodos lúdicos e dialógicos geraram maior interação e abertura das adolescentes para dialogar sobre o tema.

Quanto aos temas abordados, todos foram escolhidos pelas próprias adolescentes, que demonstraram interesse em discutir questões subjetivas e pouco abordadas em sala de aula, como machismo, violência de gênero e direitos reprodutivos. Em comparação com o grupo de garotos, cujos temas foram mais objetivos (ISTs, uso de preservativos e métodos contraceptivos), o grupo feminino enfatizou experiências de violência e dificuldades vivenciadas por serem mulheres. Estudos prévios indicam que adolescentes do sexo feminino encontram menos espaço para discutir tais assuntos, internalizando tabus e preconceitos devido à ausência de diálogo com docentes e familiares (Monroy; Silva, 2022). No presente estudo, houve relatos de violência familiar e medo de denunciar, corroborando essa realidade.

Durante o encontro sobre gravidez e métodos contraceptivos, as participantes demonstraram conhecimento superficial sobre os métodos, conhecendo o contraceptivo combinado oral e o método de barreira, mas apresentando dúvidas quanto ao uso correto. Estudos indicam que, mesmo conhecendo os métodos contraceptivos, muitos adolescentes não os utilizam de forma eficaz (Piantavinha; Machado, 2022; Pereira *et al.*, 2022).

No encontro sobre aborto, a discussão destacou a violência enfrentada pelas mulheres e o medo cotidiano. Ao analisar diferentes formas de violência, como agressões físicas, desigualdade salarial, vigilância excessiva e assédio, ressalta-se que fatores socioeconômicos, diálogo com os pais e envolvimento escolar influenciam essas experiências (Alves *et al.*, 2021). No presente estudo, não foram avaliadas as condições socioeconômicas ou a relação pais-adolescentes, não sendo possível estabelecer correlações com os relatos de violência.

Em alguns contextos, a violência de gênero e contra minorias é perpetuada pela própria escola, como evidenciado em pesquisa em que falas e atitudes homofóbicas de alunos ocorreram com o conhecimento de professores e diretores, sem punições, chegando ao ponto de suspensão de alunas por manterem relacionamento homoafetivo (Silva; Menezes, 2021). Nesse sentido, a escola, enquanto instituição social, pode perpetuar preconceitos ou contribuir para sua desconstrução, sendo fundamental que se posicione contrariamente a essas práticas. No presente projeto, não foram observadas atitudes negativas da escola em relação à sexualidade dos alunos, que demonstrou abertura para parcerias com o projeto, abordando temáticas como sexualidade e uso de álcool e outras drogas.

No último encontro, foi produzido um folder sobre bullying, sintetizando as discussões dos seis encontros anteriores. As adolescentes associaram o bullying às formas de violência vivenciadas na adolescência, revelando a relevância do tema como ferramenta educativa.

O projeto apresentou limitações que podem ter impactado os encontros, como a falta de espaço adequado. Enquanto um grupo utilizava a biblioteca, outro ocorria ao ar livre, próximo às quadras de esporte, o que gerava interrupções e inibição na expressão das participantes. Além disso, o tempo limitado dos encontros (40 minutos em média, devido à organização do horário escolar) comprometeu a condução de algumas atividades.

Apesar dessas limitações, os grupos alcançaram o objetivo de promover reflexão e conhecimento sobre sexualidade, evidenciado pelo engajamento nas discussões e evolução dos temas abordados. Para futuras edições, recomenda-se a aplicação de questionários pré e pós-encontro, a fim de avaliar o conhecimento inicial e as mudanças após a participação nos grupos operativos.

Considerações finais

Nos sete encontros realizados, alcançou-se o objetivo proposto, com as adolescentes ativamente envolvidas nas discussões e na proposição dos temas. Observou-se que, quando eram utilizadas técnicas mais lúdicas e de competição saudável, como a dinâmica da “*torta na cara*” e simulações de situações, o interesse e a participação das jovens eram significativamente maiores. Por outro lado, quando as temáticas eram abordadas apenas de forma dialogada ou com materiais mais teóricos, a dispersão ocorria mais rapidamente. Dessa forma, sugere-se que o trabalho de temas sensíveis como sexualidade seja conduzido de maneira lúdica, favorecendo o engajamento e o aprendizado dos adolescentes.

Quanto aos temas abordados, verificou-se que as adolescentes frequentemente retornavam às discussões sobre a violência sofrida pelas mulheres. Mesmo quando os encontros tratavam de gravidez e métodos contraceptivos, as discussões refletiam os anseios das jovens, incluindo relatos de violência sofrida por elas mesmas ou por pessoas próximas. Essas violências abrangiam não apenas aspectos físicos, mas também morais e sexuais.

Por fim, infere-se que trabalhar o tema sexualidade em pequenos grupos de um único gênero, criando um espaço acolhedor e sem imposição de temas pré-estabelecidos, constitui uma estratégia efetiva de educação sexual com adolescentes.

Agradecimentos

Agradecemos à escola que acreditou no projeto, abriu suas portas para sua realização e ofereceu todo o suporte necessário. Agradecemos também à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Divinópolis, que, por meio da bolsa concedida pelo Programa de Apoio aos Projetos de Extensão (PAEX) à bolsista, contribuiu de forma essencial para a execução das atividades

Referências

- ALVES, J.S.A.; GAMA, S.G.N.; VIANA, M.C.M.; MARTINELLI, K.G.; SANTOS-NETO, E.T. Socioeconomic characteristics influence attitudes towards sexuality in adolescents. **J Hum Growth Dev.** v.31, n. 1, p. 101-115, 2021. Disponível: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822021000100012 Acesso em: 28 mar. 2025.
- ANTONIASSI, P. V.; MIRANDA, M. A. G. C. Projeto Vale Sonhar como instrumento de educação sexual nas escolas públicas de São Paulo. **Revista Eletrônica de Educação**, v.14, p.1-19, e3801101, 2020. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3801> Acesso em: 28 mar. 2025.
- ARAÚJO, W.J.S.; BRAGAGNOLLO, G.R.; GALVÃO, D.L.S.; BRANDÃO NETO, W.; CAMARGO, R.A.A.; MONTEIRO, E.M.L.M. Iniciação sexual precoce de adolescentes masculinos em contexto de diversidade de gênero. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 32, e20220285. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2022-0285pt> . Acesso em: 28 mar. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Brasília, DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 28 mar. 2025.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Centro de Integração de Dados de Conhecimentos para Saúde (CIDACS). **Gravidez e Maternidade na adolescência - um estudo da coorte de 100 milhões de Brasileiros.** 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar.** Coordenação de indicadores sociais, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://saude.prefeitura.rio/wp-content/uploads/sites/47/2023/04/LIVROPENSE2019.pdf> Acesso em: 14 set. 2025.
- LOPES, G.T. Percepções de adolescentes sobre uso/dependência de drogas: o teatro como estratégia pedagógica. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 18, n. 2, p. 202-208, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/GtyVRkQcq69VCnYS5vFBNcC/?lang=pt> Acesso em: 28 mar. 2025.
- MARTINS, S.T. F. Processo grupal e a questão do poder em Martín-Baró. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v.15 n.1, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/tdPzYgzyYdHSWnMQCYg6zpt/abstract/?lang=pt> Acesso em: 28 mar. 2025.
- MONROY-GARZON, A.M.; SILVA, K.L. Silenciamento da sexualidade do adolescente no contexto rural. **Interface**, Botucatu, v. 26, p.e210572, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/cv8HVZPc7tKpKT36zLKGTKm/?format=html&lang=pt> Acesso em: 14 set. 2025.
- MORAIS, S. P et al. Educação escolar, sexualidade e adolescência: uma revisão sistemática. **Journal of Health Sciences**, v. 20, n. 3, p.221-230, 2018. Disponível em: <https://journalhealthscience.pgss-cogna.com.br/JHealthSci/article/view/4913/4329> Acesso em: 14 set. 2025.
- NUNEZ, J.C.; NEIRA, A.C.; BECERRA, N.A.; ALVARADO, S.L.; JERVES, E. Experiencias de madres y padres adolescentes sobre educación sexual en colegios ecuatorianos. **Rev. lat inoam.cienc. soc.niñez juv**, v. 22, n.1, 2024. Disponível em: https://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2024000100189 Acesso em: 14 set. 2025.

PEREIRA, L.M. et al. Conhecimentos e atitudes de adolescentes escolares sobre saúde sexual e reprodutiva. **HU Rev.**, v.48, p. 1-10, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/37778> Acesso em: 28 mar. 2025.

PIANTAVINHA, B.B.; MACHADO, M.S. Conhecimento sobre métodos contraceptivos de adolescentes atendidas em Ambulatório de Ginecologia. **Femina**, v. 50, n. 3, p. 171-7, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1367570> Acesso em: 28 mar. 2025.

PICHÓN-RIVIÉRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PINTO, C. S. **Família, escola e grupo de pares: Agentes no processo de socialização para a sexualidade de adolescentes**. 2024. 239f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6143/tde-12092024-152422/pt-br.php> Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, R.A.; MENEZES, J.A. Jovens estudantes da periferia urbana de Garanhuns/PE: discursos relacionados à sexualidade. **Estudos de Psicologia**, v. 26, n. 1, p. 56-67, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-294X2021000100007 Acesso em: 28 mar. 2025.

SOUZA, L.C.; FRANCO, Z.G.E.; NERI, J.F.O. Educação sexual na escola: uma abordagem necessária. **Rev.práxis Pedagógica**, v. 8, n.10, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/praxis/article/view/7120/1855> Acesso em: 28 mar. 2025.

TETÉO, K.F.C.; HOFFMANN, E.; BEZERRA, M.O.A. A maternidade chega mais cedo: uma análise sobre os fatores subjacentes à gravidez na adolescência. **Barbarói**, n. 64, p. 96-126, 2023. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/15947> Acesso em: 28 mar. 2025.